

Primo levi: ciência, literatura e a crise da racionalidade em “borboleta angélica”

Átila Fernandes dos Santos * 

Universidade Federal de Goiás

Resumo

Este artigo analisa a obra de Primo Levi a partir da articulação entre literatura, ciência e a crise da racionalidade no século XX, com ênfase em sua produção ficcional. Propõe-se uma aproximação metodológica entre os estudos de história e memória e os textos literários de Levi, ampliando os horizontes da historiografia diante de eventos extremos como o Holocausto. A abordagem adota como referência a aproximação entre a história e a linguagem literária formulada por Ivan Jablonka, que conjuga rigor documental, sensibilidade narrativa e compromisso ético, permitindo pensar a ficção como meio legítimo de construção do conhecimento histórico. Nesse escopo, o artigo se estrutura em três eixos: 1) a historiografia que sustenta Levi como testemunha “exemplar”, contraposta à riqueza narrativa e epistemológica de sua obra literária; 2) a crítica à racionalidade científica moderna em Levi, discutida à luz da “gramática da ciência” de Ludwig Wittgenstein; e 3) a análise do conto “Borboleta Angélica”, do livro Histórias naturais, como exemplo da crítica de Levi à tecnociência nazista e à linguagem científica como instrumento de violência. Ao integrar teoria, literatura e história, o estudo propõe uma leitura renovada da obra de Levi e de seus potenciais para a escrita da história.

Palavras-chave: Holocausto; Primo Levi; Historiografia.

Submetido: 31/07/2025

Aceito: 14/11/2025

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH/UFG). Professor da Secretaria de Educação de Goiás (SEDUC-GO). Bolsista CAPES (PROEX). E-mail: atilasantos@discente.ufg.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7100-4779>.

Primo Levi: Science, Literature and the Crisis of Rationality in "The Angelic Butterfly"

Átila Fernandes dos Santos * 

Universidade Federal de Goiás

Abstract

This article analyzes the work of Primo Levi through the articulation between literature, science, and the crisis of rationality in the 20th century, with an emphasis on his fictional production. It proposes a methodological approach between historical and memory studies and Levi's literary texts, expanding the horizons of historiography when faced with extreme events such as the Holocaust. The approach is based on the perspective formulated by Ivan Jablonka, which merges documentary rigor, narrative sensitivity, and ethical commitment, allowing fiction to be considered a legitimate means of constructing historical knowledge. The article is structured around three axes: 1) the historiographical tradition that frames Levi as an "exemplary" witness, contrasted with the narrative and epistemological richness of his literary work; 2) Levi's critique of modern scientific rationality, discussed in light of Ludwig Wittgenstein's "grammar of science"; and 3) the analysis of the short story Angelic Butterfly, from the book Natural Histories, as an example of Levi's critique of Nazi technoscience and of scientific language as an instrument of violence. By integrating theory, literature, and history, this study proposes a renewed reading of Levi's work and its potential contributions to historical writing.

Keywords: Holocaust; Primo Levi; Historiography.

Primo Levi: Ciencia, literatura y la crisis de la racionalidad en "La mariposa angelical"

Átila Fernandes dos Santos * 

Universidade Federal de Goiás

Resumen

Este artículo analiza la obra de Primo Levi a partir de la articulación entre literatura, ciencia y la crisis de la racionalidad en el siglo XX, con énfasis en su producción ficcional. Se propone un enfoque metodológico que vincula los estudios históricos y de la memoria con los textos literarios de Levi, ampliando los horizontes de la historiografía ante eventos extremos como el Holocausto. La aproximación toma como referencia la perspectiva formulada por Ivan Jablonka, que combina rigor documental, sensibilidad narrativa y compromiso ético, permitiendo pensar la ficción como un medio legítimo de construcción del conocimiento histórico. El artículo se estructura en tres ejes: 1) la historiografía que sitúa a Levi como testigo "ejemplar", contrapuesta a la riqueza narrativa y epistemológica de su obra literaria; 2) la crítica de Levi a la racionalidad científica moderna, discutida a la luz de la "gramática de la ciencia" de Ludwig Wittgenstein; y 3) el análisis del cuento "Mariposa Angélica", del libro *Historias Naturales*, como ejemplo de la crítica de Levi a la tecnociencia nazi y al lenguaje científico como instrumento de violencia. Al integrar teoría, literatura e historia, el estudio propone una lectura renovada de la obra de Levi y de sus potencialidades para la escritura de la historia.

Palabras clave: Holocausto; Primo Levi; Historiografía.

Introdução: o escritor múltiplo e os desafios de leitura de Primo Levi

Primo Levi, amplamente conhecido como sobrevivente e autor de sua experiência em Auschwitz, produziu uma vasta e multifacetada obra literária. Embora tenha se dedicado também à ficção, sua imagem consolidou-se como a de uma testemunha do Holocausto, aquele que narrou, em primeira pessoa, a catástrofe do mundo moderno Ocidental. Este artigo propõe uma leitura da obra de Levi para além da chave exclusiva do trauma e da testemunha. Ao ampliar o olhar, revela-se uma figura múltipla: o contista, o cientista, o crítico, o químico, um escritor cuja formação técnica e sensibilidade literária desafiam categorizações rígidas.

A organização, a estrutura narrativa, o enredo e os personagens das obras de Levi incorporam uma perspectiva crítica, histórica e científica. Sua literatura, permeada por temas recorrentes, reflete uma preocupação com os marginalizados da narrativa histórica e com as contradições da ciência moderna. Esses temas, recorrentes em toda a sua obra, desdobram-se narrativamente em reflexões sobre a constituição do conhecimento científico moderno, desde sua fundamentação, os dilemas entre objetividade e subjetividade, até os limites da racionalidade em tempos de crise.

O interesse de Primo Levi pela ciência começou logo cedo. Aos quinze anos ganhou de presente do pai, Cesare Levi, um microscópio e se maravilhou com a microbiologia, os pequenos organismos, as células, suas composições e comportamentos. Aos 16 anos, começou a ler sobre química, se interessando pelas inquietações analíticas dos químicos, como separar, distinguir e descrever¹. No universo dos cristais de átomos, Levi observou as funções, as composições, as matérias e suas variações.

Levi leu Charles Darwin e se apaixonou pelos animais; logo descobriu na casa de veraneio da família um universo invisível a ser explorado: os pequenos girinos que circulavam nos riachos e as gotas d'água que escorregavam pelas folhas das árvores. Tudo era observado pelas lentes do microscópio de Levi². Em 1937, ingressou na faculdade em Turim para fazer química, concluindo o curso em 1941. No ano de 1943, se dispôs a lutar com os partigianos contra o fascismo na Itália, foi preso pela milícia fascista e levado para o Campo de Prisioneiros de Modena-Fossoli. Em seguida, no dia 22 de fevereiro de 1944, foi enviado de trem para

¹ CALVINO, Italo. I due Mestiere di Primo Levi. In: *L'ultrui mestiere*. Torino: Einaudi, 2011, p.VIII.

² LEVI, Primo. *La ricerca delle radici*. Torino: Einaudi Tascabili. 1997, p. 23-24, 31.

Auschwitz.

Após a trágica experiência nos campos de concentração, Levi retorna a Turim no final de outubro de 1945. Dois anos depois, em 1947, escreveu *É isto um homem?*, obra que seria reeditada em 1958. Em 1963, publicou *A Trégua*, consolidando sua voz como testemunha singular dos campos de concentração. Em sua primeira entrevista de lançamento de seu segundo livro, afirma ao jornalista que não era um escritor, escrevia por necessidade de colocar em palavras o que viveu. Esse texto foi lembrado por Giorgio Agamben em *O que resta de Auschwitz* reforçando o argumento da fragmentação e da imperiosa necessidade de expor, contar e narrar da testemunha³. Apesar de concordar com a leitura de Agamben, a entrevista pode ser interpretada por outro prisma. A declaração do sobrevivente evidencia uma questão central deste artigo: a maneira como Levi, por meio de uma linguagem multifacetada, transforma a ciência em potência literária, tanto na ficção quanto na não-ficção. Assim, através dos sistemas de racionalidade científica Levi criou seu projeto literário.

Ainda que Levi tenha sido predominantemente caracterizado por sua experiência em Monowitz-Auschwitz, seu universo foi, desde cedo, atravessado pelo pensamento científico. Sua curiosidade pela microbiologia, sua leitura de Darwin e sua formação em química não foram meros acasos, mas elementos fundadores que, como veremos, permeiam toda sua produção, inclusive sua literatura ficcional e não-ficcional, conferindo-lhe uma “potência literária” singular.

Essa presença constante da ciência ao longo de sua trajetória não se restringe à formação acadêmica ou à atuação profissional de Levi; ela também comparece em suas reflexões públicas e entrevistas. Em 1964, em uma entrevista ao jornal *Il Giorno*, Levi afirmou que havia escrito tudo o que precisava dizer sobre Auschwitz e sua experiência no percurso de saída do campo até a Itália. Interpelado pelo entrevistador, Pier Maria Paoletti, a respeito de como se identificava, Levi diz: “Ah, um químico, veja bem, não entenda mal. Os dois livros que escrevi, escrevi por acaso”⁴. Levi tinha acabado de ganhar o principal prêmio de literatura italiana, o Prêmio Strega, com *A Trégua*. No entanto, Paoletti via outra coisa, para ele o autor: “muda de pele, como gosta de dizer, se torna escritor[...] Um verdadeiro escritor de sangue puro. E ele sabe disso bem, mesmo que finja modéstia.” O entrevistador não pôde se dar por satisfeito e insistiu na questão até Levi começou a dizer seus planos no caminho da escrita literária:

Olha, afinal, talvez eu goste de escrever mais do que ser químico, hoje seria mais uma aspiração a ser cultivada em segredo, seria encontrar um ponto de

³ AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008, p.26.

⁴ LEVI, Primo. *Sono un chimico, scrittore per caso*. [Entrevista concedida a] Pier Maria Paoletti. In: BELPOLITI, Marco. Primo Levi: Conversazioni e interviste 1963-1987. Torino: Einaudi, 1997, p.105.

conjunção. Deixe-me dizer, quero explicar ao público o significado da pesquisa científica. É uma documentação fantástica, [entretanto,] não exatamente do que se passa dentro dos laboratórios. É então reproduzir sob o disfarce moderno as emoções mais antigas do homem, os mistérios, os momentos de incerteza. [...] Há toda uma tradição narrativa. Você vê [na literatura], sobre a vida dos mineiros, os médicos ou prostitutas, quase nada sobre as aventuras espirituais de um químico. (Levi) Olhava e sorria. Contudo, não terminou. "Ficção científica?" Eu pergunto a ele, pensando nas suas histórias. "Sim, ficção científica"⁵.

A princípio, pode-se sugerir uma contradição entre a figura do escritor que narra suas memórias de sobrevivente e a profissão de químico, no entanto, Levi sugere que existe um caminho ainda não testado que pode aliar essas duas partes, isto é, a literatura que um químico pode produzir. Essa autoidentificação não se traduz em um novo projeto literário, mas em um contínuo processo de subjetivação do autor que procurou meios de expressar as vicissitudes de seu tempo.

Provocado pelo entrevistador, Levi confirmou essa ideia:

Há 40 anos, tento entender os alemães. Entender como isso pôde acontecer é um objetivo de vida para mim. Mas, em um sentido mais amplo, também me interessa por entender outras coisas: sou químico e quero entender o mundo ao meu redor⁶.

Antes dessa entrevista e de publicar *A Trégua* (1963), em 1946, escreveu seu primeiro conto, "Os mnemagogos", sua primeira expedição no universo fantástico, ou seja, havia passado mais de uma década entre esses eventos. Esse projeto literário recebeu uma publicação em forma de livro de contos, em 1966, intitulado *Histórias naturais*; posteriormente, foi seguido de outros, como *Vício de forma*, em 1971, *Lilit*, em 1981, e *O último Natal de guerra*, que somente foi publicado após a morte do autor, em 2000. Levi também escreveu romances como *A chave estrela*, em 1978, e *Se não agora, quando?*, em 1982.

Levi não era um escritor de dois livros, muito menos sua produção ocorreu por acaso. A literatura testemunhal, em Levi, aqui será tratada como uma relevante corrente nos estudos literários; entretanto, passa ao largo de nossas intenções de delimitação de estudo. Proporemos uma análise que coloca as obras de Levi em um universo com galáxias diferentes, onde podemos encontrar as constelações dos gêneros que atravessam as obras de Levi. O testemunho é um mundo de possibilidades, assim como o fantástico, a distopia, o horror, a ficção-científica, o romance histórico, que abrangem os contos e os romances que, como poeira cósmica, são partículas que se reúnem em nuvens densas de matérias diferentes à literatura do químico.

⁵ LEVI, 1997, p. 106. *Nossa tradução*.

⁶ LEVI, 1997.

Essa forma de escrita se traduz em uma obra que, embora enraizada na experiência traumática, amplia suas fronteiras para além do testemunho. Seus livros são composições fraturadas que refletem a experiência dos campos de concentração, porém, não se limitam a essa esfera, mas envolvem todas as suas obras. A partir deste primeiro encontro com a escrita, em *Se questo è un uomo* (1947), outras aventuras e novas descobertas abriram portas para interrogações criativas sobre a literatura e a ciência.

Essa abertura à experimentação narrativa encontra ressonância em debates metodológicos contemporâneos sobre a escrita da história. O historiador Ivan Jablonka defende uma aproximação entre conhecimento histórico e linguagem literária. Em seus estudos, analisou os gestos, os códigos e os usos da literatura que ecoam na produção científica dos historiadores, desde os gregos antigos e o drama de Shakespeare, mas, fundamentalmente, com os romancistas, como Walter Scott, escritor de romances históricos com estudos de profundidade documental, ou Honoré Balzac com os romances de costumes, observador dos comportamentos mais variados das ruas dos tecelões burgueses aos palácios da aristocracia⁷.

Para Jablonka, os abalos do século XX, em especial a Segunda Guerra Mundial e o advento do *nouveau roman*, sinalizaram o esgotamento do realismo tradicional e exigiram o surgimento de novas formas de narrar e compreender o real. É nesse contexto que ele reconhece, em escritores como Primo Levi, uma resposta estética e ética aos desafios de representação da catástrofe. Levi oferece não apenas testemunhos, mas formas híbridas, misturando ciência, ficção e história para compreender e “decifrar nossa vida”⁸.

Nesse sentido, ao tomarmos Levi percebemos uma série de conflitos que refletem, em certa medida, os desafios colocados nas ciências sociais, como na história, como também na ciência moderna. Jablonka considerou que a crise do saber científico no século XX permitiu uma reflexão sobre a investigação, o método e a própria figura do historiador nessa produção de conhecimento⁹. O aparecimento do sujeito na narrativa contemporânea estabeleceu novos desafios para a escrita da história, como a subjetividade, o relativismo, o fundamento da verdade.

Pois Levi, como um escritor/não-escritor, cientista/trabalhador e sobrevivente/testemunha, inspirado por *Origem das espécies*, de Charles Darwin, observou o laboratório social em *É isto um homem?*, no capítulo “Os afogados e os sobreviventes”, traçou hipóteses, problemas, estatísticas, descrições, classificações e concluiu que na “seleção dos

⁷ JABLONKA, 2016, p.57,73.

⁸ JABLONKA, 2016, p.20.

⁹ JABLONKA, 2016, p. 21.

campos” os mais adaptados são os sobreviventes. Entretanto, pela apropriação da ciência, Levi perverte a lei natural. Se em Darwin a seleção natural é uma luta pela água, a comida e a sobrevivência, resultando no desenvolvimento da espécie mais adaptada, em Levi, o darwinismo social é invertido, pois, o resultado dos laboratórios dos campos não é uma espécie superior ou mais adaptada, mas, os salvos, os esquecidos, os marginais, ou seja, aqueles que submergiram dos campos.

Levi, não apenas narrou a respeito do gênero humano, mas dos indivíduos aviltados. O escritor saiu das conclusões gerais dos naturalistas e narrou sobre o *outsider*, o seu personagem era o marginal, o sujeito violentado, o estranho, o esquecido, o afogado e o sobrevivente. Não se ateve ao naturalismo, mas a partir dele embarcou na física e na química, apropriando-se da tabela de Mendeleev, como fez no livro *A Tabela Periódica*. O escritor, diante dos desafios de sua modernidade e dos compostos químicos, não passou a essencializar suas histórias em funções gerais, em capítulos sobre os elementos gasosos e os minerais; o narrador mergulhou na ancestralidade, na mitologia, na pseudociência e ofereceu “documentos para um estudo tranquilo de alguns aspectos da alma humana”¹⁰ diante da crise da racionalidade moderna.

Por esse prisma, Levi não traça rupturas literárias entre seus trabalhos, mas combinações e modulações, seguindo linhas paralelas que se aproximam, mas nunca se tangenciam. Neste sentido, seria possível encontrar em sua produção literária indícios que permitem refletir sobre a experiência traumática para além de sua literatura testemunhal? Sobretudo, esse artigo tem como objetivo problematizar como a produção ficcional de Primo Levi, enraizada em sua formação e prática científica, oferece uma chave de leitura inovadora para a compreensão dos dilemas da racionalidade moderna e da experiência catastrófica do século XX, ultrapassando a tradicional categorização de sua obra como meramente testemunhal e contribuindo para a historiografia do trauma e da ciência. Essa abordagem busca provocar os estudos sobre a obra de Levi no Brasil, a historiografia sobre a memória e o trauma, e a história da ciência, ao demonstrar como a ficção pode iluminar aspectos da experiência histórica que por vezes podem ter sido esquecidas.

Esse trabalho foi organizado em três objetivos que se dividem respectivamente nas seções: 1) Localizar a discussão sobre o testemunho na historiografia e testar os limites da categoria para problematizar os usos da literatura dos sobreviventes a respeito da sua historicidade. Nosso objetivo será pensar como as abordagens apresentadas por alguns dos principais autores no campo reforçam a centralidade da testemunha em Levi, mas marginalizam

¹⁰ LEVI, Primo. *Se questo è un uomo*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2011. p. 9.

sua produção ficcional. 2) Pensar como a literatura de Primo Levi compartilha um raciocínio histórico sobre os temas sensíveis da catástrofe e da crise dos paradigmas da ciência. Nesse sentido, pretendemos demonstrar como a obra de Levi não separa tão claramente testemunho e ficção; ambos compartilham um esforço cognitivo e uma poética da racionalidade da crise da ciência. 3) Testar essas hipóteses através de sua literatura ficcional de Primo Levi, por meio de um conto que encena, em chave ficcional, os mesmos dilemas éticos, epistemológicos e narrativos dos textos testemunhais, sublinhando a força da literatura como forma de conhecimento.

A crise do conceito de testemunha na historiografia e a margem da ficção de Levi

Este artigo propõe uma reflexão sobre o conceito de testemunha no contexto da literatura do trauma, analisando como ele incide sobre o aspecto poliédrico da obra de Primo Levi. Interessa-nos observar como essa categoria, embora central, também pode obscurecer aspectos ficcionais e experimentais de sua produção. O capítulo aborda a evolução histórica do conceito, os debates críticos em torno da sua legitimidade e representação, e como o conceito de testemunha se tornou um exemplo-chave para interpretar a figura de Levi e sua literatura, que delimitou um espaço marginalizado para sua produção ficcional.

A evolução histórica do conceito de testemunha

A reflexão sobre o conceito de testemunha e suas implicações para a historiografia contemporânea encontra um ponto de partida relevante na obra de François Hartog, especialmente em “A testemunha e o historiador”, presente no livro *Evidência da História*. Ao traçar a genealogia da figura da testemunha desde a Antiguidade, Hartog identifica a transição da testemunha como presença narrativa mítica (caso de Ulisses em Heródoto) para a sua marginalização no modelo positivista da historiografia do século XIX. Neste contexto moderno, o testemunho foi frequentemente desqualificado como relato subjetivo, emocional e ingênuo, cabendo ao historiador científico, como propunham Langlois e Seignobos, a tarefa de interpretar os vestígios e construir a narrativa histórica a partir de documentos autênticos, passíveis de verificação empírica¹¹.

¹¹ FRANÇOIS, Hartog. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. tradução Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p.212-219.

Com as transformações epistemológicas do século XX, especialmente a partir dos anos 1970, o testemunho retorna ao centro do debate, impulsionado pelo crescimento da história oral e pela emergência das memórias de sobreviventes de regimes totalitários. Hartog observa que esse retorno da voz da testemunha implicou tensões com a historiografia profissional, que passou a reconhecê-la como fonte, mas muitas vezes apenas sob a condição de que fosse tratada pelos critérios tradicionais de crítica documental¹².

A tensão entre experiência vivida e elaboração crítica torna-se central, e autores como Claude Lanzmann e Paul Ricœur destacam a singularidade do testemunho como forma narrativa que exige novas abordagens interpretativas, especialmente diante de eventos como o Holocausto e o Regime de Vichy¹³.

A partir de Ricœur, a figura da testemunha é entendida como mediadora entre a memória e a história, estruturada na tríade entre o eu estava lá, o apelo à credibilidade do ouvinte (“acredite em mim”) e a possibilidade de verificação social ou institucional (“se não acredita, pergunte a outro”). Essa estrutura fiduciária é profundamente abalada pela experiência dos campos de extermínio, que compromete a transmissibilidade e a legibilidade da experiência traumática¹⁴. Giorgio Agamben, por sua vez, em *O que resta de Auschwitz*, radicaliza esse ponto ao afirmar que o verdadeiro testemunho é aquele que fala pela lacuna, pela ausência, por aquilo que não pôde ser dito nem visto: o exemplo emblemático é a figura de Hurbinek, criança mencionada por Levi, que morre sem conseguir articular a própria experiência.¹⁵

Dominick LaCapra aprofunda esse debate ao diferenciar memória traumática primária e memória trabalhada (ou secundária). Para ele, o historiador, embora não possa substituir a testemunha, tem o papel de elaborar criticamente os fragmentos da memória, promovendo uma reelaboração ética e analítica da experiência¹⁶. Essa posição é próxima à de Ricœur, para quem o testemunho precisa ser apropriado criticamente, sem ser sacralizado ou patologizado, como alerta Jean-Marie Gagnebin ao criticar os efeitos paralisantes da categoria do indizível¹⁷.

Marcio Seligmann-Silva, por sua vez, ao comentar *É isto um homem?*, enfatiza a desintegração da experiência temporal nos campos e a banalização da morte, destacando a pulsão de morte como eixo da experiência concentracionária. O testemunho de Levi, nesse

¹² FRANÇOIS, 2013, p.224- 226.

¹³ FRANÇOIS, 2013, p.205.

¹⁴ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p.174, 186-187.

¹⁵ AGAMBEN, 2008, p.47.

¹⁶ LACAPRA, Dominick. *Historia y memoria despues de Auschwitz*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 34-36, 56.

¹⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34. 2006, p.49-58.

sentido, não é apenas relato de fato, mas exercício compulsivo de escrita para lembrar os mortos e tentar esquecer o vivido, refletindo os estilhaços da memória¹⁸.

Ao revisar a evolução do conceito de testemunha, especialmente em autores como Hartog, Ricœur e Agamben, observamos a construção de um paradigma que, embora potente, tende a cristalizar certas formas de escuta e representação. Na seção seguinte, examinamos como esse modelo foi criticado por autores que questionam seus limites epistemológicos e éticos.

Debates e críticas ao conceito de testemunha

Beatriz Sarlo contribui para enfatizar os limites do testemunho como forma de conhecimento histórico. Influenciada por Walter Benjamin, ela argumenta que a modernidade rompeu a transmissão da experiência, tornando o testemunho incompleto e, muitas vezes, ineficaz diante da incomensurabilidade dos eventos traumáticos. Para Sarlo, a figura de Levi deve ser tratada com reservas, pois seu testemunho seria sentimental e insuficiente, o que revela mais uma crítica ao uso indiscriminado do testemunho do que uma análise aprofundada de sua obra¹⁹.

Por outro lado, Didi-Huberman ressaltou as imagens documentadas do campo de concentração, documentários que revelam a precariedade, as sombras, a comoção da câmera que acompanhou a entrada nos campos de concentração, a libertação dos sobreviventes e daqueles que morreram. Para Didi-Huberman, essas imagens esquecidas possibilitam criar uma legibilidade a respeito do inimaginável e, mesmo assim, imaginar, figurar aquilo que foi o passado naquelas montagens precárias e amadoras que registram o perturbador dos campos²⁰. O impossível nos campos deveria ser contraposto à imposição ética de praticar o ato imaginativo. Assim, afastando-se da sacralidade e do aspecto negativo da interpretação da Shoah, ou Holocausto²¹.

Dominick LaCapra em *Historia y memoria después de Auschwitz* (2009), levantou o conceito de sublime negativo como uma crítica a representação insistente em argumentar a

¹⁸ SELIGMANN-SILVA, 2000, p.97.

¹⁹ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução: Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFGM, 2007, p. 9-22.

²⁰ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Remontagens do tempo sofrido. O olho da História II*. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2018. p. 23-28, 49.

²¹ DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 71.

“questão do trauma que excede a cognição sendo um motivo hegemônico do pensamento recente principalmente depois das análises de Jean-François Lyotard”²².

Agamben também se utilizou da argumentação de Lyotard ao se referir ao paradoxo do testemunho, “Quando falam (a testemunha), o seu testemunho alcança apenas parte ínfima de tal situação”²³, ainda completa, ao considerar que o único que olhou com os próprios olhos as câmaras de gás está morto.

As contribuições de Dori Laub e Shoshana Felman ampliam esse debate ao enfatizar a radicalidade do trauma e seus efeitos na linguagem. A célebre formulação de Laub a respeito da impossibilidade de testemunhar o acontecimento indica a radicalidade de certos eventos que excedem a capacidade de registro, tanto por parte de quem vive quanto de quem escuta²⁴. Essa concepção abala os pressupostos da transmissibilidade da experiência, revelando o abismo entre vivência e narração. Felman, em seus escritos de 1992, propôs uma interlocução entre campos da linguagem diferente para pensar o testemunho e os limites da representação de catástrofes históricas. Ao mobilizar autores diferentes que vão de Albert Camus à Paul Celan, ela sugeriu que a arte pode ser um canal privilegiado para expressar aquilo que escapa à linguagem ordinária. Em sua abordagem, a arte encontra uma função terapêutica, ao permitir, por meio da narrativa estética, o trabalho de elaboração do trauma e da memória²⁵.

Segundo Felman, a fragmentação, o silêncio e os lapsos que permeiam os relatos de sobreviventes não são obstáculos à compreensão, mas expressões legítimas daquilo que foi vivido e que não pode ser inteiramente simbolizado. É nesse intervalo, entre o que pode ser dito e o que permanece irrepresentável, que a arte atua como possibilidade de enunciação, sem pretensão totalizante. O testemunho, assim, se constitui como um ato de linguagem marcado pela oscilação entre memória e esquecimento, entre o desejo de contar e a resistência do indizível²⁶.

A repercussão das ideias de Felman foi ampla, especialmente no contexto da crítica literária e historiográfica latino-americana. Autores como Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva retomaram sua reflexão no volume "Catástrofe e Representação" (2000), aprofundando o debate sobre os vínculos entre trauma, narrativa e história, e defendendo que a

²² LACAPRA. 2009, p. 14.

²³ AGAMBEN, 2008, p. 44.

²⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Revista Psic. Clin. Rio de Janeiro, Vol. 20, Nº 01, 2008, p. 67.

²⁵ FELMAN, Shoshana. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). Catástrofe e representação: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000, p. 13 53.

²⁶ FELMAN, 2000, p. 68.

literatura não apenas documenta, mas interpreta e reconfigura os modos de lembrar e de narrar o passado extremo²⁷.

Jean-Marie Gagnebin, no seu prefácio à obra, *O que resta Auschwitz* (2008), levantou críticas ao movimento psicanalítico que tomou como fonte de trabalho as obras testemunhais, apontando que a conceituação do sublime e a patologização da testemunha impede e sacraliza o debate sobre memória e a narrativa a respeito dos campos de concentração. O indizível e o inexplicável que a formulação do sublime permeou os enunciados da literatura de Levi, tornando inimagináveis os eventos e as circunstâncias narradas por Levi. O inimaginável ganha espaço e impede os diálogos e a tentativa de compreensão que, para Agamben e Gagnebin, é o objetivo da análise mesmo que seja uma compreensão fragmentada²⁸.

Gagnebin, anteriormente, escreveu um texto procurando responder às delimitações sobre o limite da representação ao dar ênfase a narrativa e a possibilidade de transmissão do narrador, que reúne os estilhaços da narrativa, como um artesão molda os enunciados da tragédia e cria algo novo, uma elaboração que ousa narrar sobre a catástrofe²⁹.

No ano de 1997 o livro *Memory, History, and the extermination of the Jews in Europe* de Saul Friedländer conceitua a “situação limite” na Shoah. Ao seguir a leitura de LaCapra e sua crítica ao conceito de limite, constatou-se que houve uma banalização das possibilidades de pensar a Shoah, o que, assim, levou a alguns abusos da memória dos campos de concentração. LaCapra cita Friedländer para demonstrar sua crítica ao tema:

O regime nazista atingiu o que, a meu ver, é uma espécie de limite teórico: é possível prever um número ainda maior de vítimas e uma forma tecnológica mais eficiente de assassinar, mas uma vez que um regime decida que existem grupos, independente do critério de escolha, e serem aniquilados e nunca mais permitirem habitar a Terra, atingiu o limite definitivo. Do meu ponto de vista, esse limite foi atingido apenas uma vez na história moderna: com os nazistas³⁰.

Para LaCapra, Friedländer compreendeu o acontecimento limite como incomensurável e justificou que somente aconteceu uma única vez na história. É nessa medida que Friedländer foi recuperar de Kant o conceito de sublime. E essa opção, segundo LaCapra, é uma afirmação dogmática que sacraliza o evento³¹. Por isso, considerou a conceituação kantiana como

²⁷ FELMAN, 2000. p. 13-53.

²⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apresentação. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008, p.9-19.

²⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34. 2006, p.49-58.

³⁰ LACAPRA, 2009, p.41.

³¹ LACAPRA, 2009, p.50-51.

negativa, isto é, pela falta, o sublime negativo é um vazio que subtrai a reflexão e dá espaço à incompreensibilidade. Agamben também acusará a apropriação do conceito kantiano como equívoca, por considerar que autores (no caso, Shoshana Felman) que remontam essa leitura estariam fazendo uma estetização dos campos, esvaziando seu conteúdo e as reflexões a silêncios, cantos, melodias, que, ainda assim, não justificam a não tentativa de elaboração explicativa.

Esse desafio epistemológico também é colocado para nós. O deslocamento, ou descentralização, da figuração central da testemunha na literatura de Levi perpassa logicamente o desafio conceitual desses limites da linguagem e da escrita da história. A literatura de Levi permite um salto epistemológico a essas questões ao apresentar: “As Distopias das Formigas Operárias”, “As Desventuras do Centauro, Trachi”, ou “As Terríveis Experiências Humanas”, de Angelica Farfalla, entre a erudição técnica sobre os compostos químicos e as fronteiras da linguagem literária³².

Considerando o estado da arte dos estudos historiográficos, podemos, pelo menos, considerar que as obras de Levi provocaram nos historiadores inquietantes perguntas sobre os limites epistemológicos do conhecimento sobre os campos de concentração. Assim, propomos uma espécie de leitura a contrapelo ao considerarmos sua produção ficcional diante de uma crise da racionalidade, em que pesquisadores se debruçam sobre os problemas na narratividade de um evento extremo. Desse modo, não reduzimos ou limitamos a apreensão de sua contribuição para a escrita dos campos de concentração.

Ao reconhecermos a grandiosidade dos inúmeros estudos testemunhais, optamos por questionar como a ficção e a ciência em Levi poderiam sugerir diferentes contornos, outras métricas, que contaminam a literatura desse escritor. E até como essa ficção carrega operações que permitem refletir sobre uma escrita que propõe formas imaginativas na fronteira das apreensões de um escritor que articula as ciências e a história. E, nesse ponto, considerar que a obra é um texto que pode nos sugerir uma reflexão sobre a experiência catastrófica dos campos de concentração.

Outra pergunta subsequente surge aqui: a ficção de Levi perpassa cenários, temas, reflexões que se referem à experiência concentracionária? Um estudo sobre a literatura ficcional de Levi poderia impactar a compreensão dos estudos literários de sua obra, assim como sua figura convencional de testemunha?

³² LEVI, Primo. *Storie Naturali*. In: *Tutti i Racconti*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2015.

A profundidade de estudos e pesquisas sobre as obras de Levi privilegiam os textos não-ficcionais, chamados de testemunhais, como, *É isto um homem?*, *A trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*, entretanto, não se pode dizer o mesmo dos contos e dos romances, que passam ao largo dessas preocupações, sendo pouco ou raramente citados. Mas, como e por quais motivos tal comportamento da crítica vem deixando a revelar uma produção crítica, literária de um autor multifacetado como Levi?

Apesar de amplamente citado nos estudos sobre testemunho, trauma e memória, Levi tem sido majoritariamente recepcionado como a figura paradigmática do sobrevivente que narra o horror dos campos de concentração. Sua obra é frequentemente mobilizada como referência ética e histórica, especialmente pelos autores citados como Giorgio Agamben, Paul Ricœur, Shoshana Felman e Beatriz Sarlo, que veem em *É isto um homem?*, *A trégua* e *Os afogados e os sobreviventes* exemplos centrais da literatura testemunhal do século XX. No entanto, essa consagração de Levi como “testemunha por excelência” opera também um apagamento: a crítica tende a cristalizar sua produção em torno do trauma e da catástrofe, relegando a segundo plano, ou ignorando completamente, seus textos ficcionais, ensaísticos e mesmo humorísticos, nos quais se expressa uma sofisticada articulação entre ciência, literatura e imaginação. Esta marginalização da ficção “primoleviana” não decorre apenas de uma hierarquia crítica, mas revela também uma resistência mais ampla a reconhecer que a fabulação, a ciência e a alegoria podem ser igualmente formas de enfrentamento e reelaboração da experiência concentracionária.

Essas críticas ao paradigma do testemunho nos permitem reavaliar o lugar da ficção na obra de Levi. Ao restringir a interpretação de sua literatura à categoria de “testemunho direto”, corre-se o risco de marginalizar justamente os textos que exploram, com mais liberdade formal, os limites da linguagem e da razão diante da catástrofe. É nesse horizonte que se insere a leitura da ficção de Levi, objeto da próxima seção.

A Borboleta Angélica: história, ciência e literatura do trauma

Diante da amplitude da obra de Levi e dos debates sobre o testemunho, é possível perceber que boa parte da crítica adotou uma leitura sistemática que marginalizou sua produção ficcional. A valorização da experiência direta, vinculada ao paradigma da testemunha, frequentemente excluiu do campo de análise textos como *Histórias naturais*, *Vício de forma*,

Lilith, Se não agora, quando?, A chave estrela, O último Natal de guerra, Ofício alheio, A tabela periódica.

O conceito de ciência mobilizado neste artigo apoia-se na noção de gramática, tal como elaborada por Ludwig Wittgenstein em suas *Investigações filosóficas*. Embora o filósofo não estivesse diretamente interessado em problematizar a ciência como campo específico, sua análise da linguagem oferece instrumentos potentes para pensar os usos da razão científica. A ideia de gramática, em Wittgenstein, refere-se aos usos e regras que organizam os jogos de linguagem, práticas situadas, contingentes, cuja regularidade não deriva de fundamentos universais, mas de convenções que se estabilizam em contextos históricos e sociais específicos. O fundamento último, isto é, a verdade ou a essência transcendental buscada na ciência moderna, defendida por filósofos como Bacon ou Descartes, não é um caminho na filosofia de Wittgenstein³³.

Nessa seção, propomos investigar como a figura de Levi não apenas ecoa os dilemas da história da catástrofe ocidental contemporânea, mas também constrói uma gramática própria para pensar a crise do conhecimento e da linguagem no século XX.

Em 1963, Levi havia publicado seu segundo livro, *La trégua*, além de ter publicado em alguns jornais esporadicamente alguns contos que passavam despercebidos. Entretanto, é no final dos anos 60, entre os anos 70 e 80, que sua atividade se adensou, permitindo que saísse da fábrica de vernizes em que trabalhava como vice-diretor, dedicando-se exclusivamente ao trabalho de escritor.

Levi publicou uma série de contos de ficção-científica, poesias e dois romances, também escreveu análises, críticas sobre diversos autores, entre eles, Italo Calvino, Rabelais, Dante, Daniel Defoe, Joseph Conrad e, seu escritor favorito Aldous Huxley, analisou outras artes, como o cinema e a televisão, não esquecendo, também redigiu crônicas em jornais sobre notícias importantes e descobertas científicas³⁴. Levi tomou assuntos diversos sobre a cosmologia, alquimia, química, biologia, religião, ficção científica, discutiu sobre a escrita de romances e até um ensaio sobre a escrita dos sobreviventes dos campos de concentração.

³³ O conceito parte das conclusões do historiador, Mauro Condé, seguindo os estudos da filosofia da linguagem de Wittgenstein. A partir de Wittgenstein, Mauro Condé elaborou uma proposta para lidar com a crise da razão na contemporaneidade. Cf. CONDÉ, Mauro, Lúcio, Leitão. *As teias da razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna*. Belo Horizonte: Argymentvm Editora, 2004a.

³⁴ As referências aos nomes citados e aos textos mencionados podem ser encontradas nos livros: Cf. LEVI, Primo. *L'altrui mestiere*. Torino: ET Einaudi. 2011. Cf. LEVI, Primo. *La ricerca delle radici*. Torino: Einaudi Tascabili. 1997, p. 31.

Apesar de sua multiplicidade criativa, Levi expressava tensões em sua relação com a escrita ficcional. A princípio, Levi considerou a ficção uma experiência diferente da produção narrativa sobre Auschwitz. Em *Storie naturali*, o autor usa o pseudônimo Damiano Malabaila, ponderando que Malabaila, para os piemonteses, significa uma mácula no leite branco, uma impureza. Porém, nos livros subsequentes, Levi abandona essa distinção de “projetos literários” e assume integralmente seu nome em seus futuros trabalhos na ficção. Em 1971, a orelha da primeira edição de *Vizio de forma* menciona que Levi interpretava sua ficção como a “parte escura” de seu trabalho, se opondo àquela obra que se identificava com a “parte clara” dos textos históricos, de cunho autobiográfico³⁵.

Nossa interrogação sobre essa ficção traz à luz aos objetivos de identificar, rastrear, compreender seus mecanismos de escrita, e até procurar contaminações entre sua “parte clara e escura”. De uma maneira interessada em compreender seus gestos escriturários cognitivos que propõem perspectivas sobre o passado e seu presente³⁶.

Essa “parte escura” configura-se como um espaço de experimentação narrativa e crítica epistemológica. Em *Histórias naturais*, o conto “Borboleta Angélica” condensa, com força alegórica, a crítica leviana à racionalidade moderna e à perversão da ciência. A seguir, analisamos esse conto como chave de leitura para o entrecruzamento entre ciência, linguagem e violência.

O enredo se passa após o fim da Segunda Guerra Mundial. Um grupo de militares aliados investiga um antigo laboratório secreto em Berlim, localizado na casa de um misterioso professor chamado Leeb. No local, encontram vestígios perturbadores: ossos, manchas, restos orgânicos e indícios de experiências biológicas obscuras. Testemunhas locais relatam que Leeb realizava experimentos com seres humanos. A narrativa, estruturada como uma investigação científica, revela gradualmente um experimento monstruoso de manipulação genética de inspiração nazista que buscava transformar pessoas em criaturas aladas, “anjos”, segundo suas teorias pseudocientíficas³⁷.

Logo no início do conto, quando o grupo chega à misteriosa casa, de número 26, a narração detalha um senso laboratorial e investigativo, próprio de um cientista: “O americano tirou três fotos de diversos ângulos e fez um rápido esboço. [...] grandes manchas vermelho-

³⁵ BELPOLITI, Marco. Animalí e fantasmí. In: LEVI, Primo. *L'ultimo Natale di guerra*. Torino: Einaudi, 2001. p.17-18.

CENTRO INTERNAZIONALE DI STUDI PRIMO LEVI. *Centro Internazionale Di Studi Primo Levi: Vizio di Forma*. Disponível em: <https://www.primolevi.it/en/vizio-forma>. Acessado em: 27 Jul. 2025.

³⁶ JABLONKA, 2016.

³⁷ LEVI, Primo. Borboleta Angélica. In: *71 contos de Primo Levi*. Tradução de Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005, p. 55-62.

escuras, que o americano raspou meticulosamente com uma lâmina, recolhendo o pó num tubinho de vidro”³⁸.

Levi traduz os horrores vistos através da observação distanciada de clínico que procura nas evidências algum diagnóstico possível para explicar a cena vista,

No chão havia uma camada de trapos imundos, papéis, ossos, plumas, cascas de fruta; grandes manchas vermelho-escuras [...] um montinho de matéria indefinível, branca e cinza, seca: cheirava a amônia e a ovo podre, e pululava de vermes³⁹.

O cenário é ambíguo, os vestígios são inconclusivos e os relatos se aproximam do absurdo. Ainda que quase desfeita, em nenhum momento a narrativa se afasta do tom realista, como se a ficção transbordasse o real ao se travestir de investigação científica pudesse restituir o horror da catástrofe pela via da alegoria.

Essa racionalidade empírica moderna baseada nos procedimentos da observação, da análise da matéria, na criação de objetos de estudo para estabelecer resultados se torna instável ao fracassar em produzir evidências confiáveis:

Hilbert estava furioso: “Guano”, disse. “Que mais vocês querem saber? De que pássaro? Perguntem a uma cartomante, não a um químico. Há quatro dias venho quebrando a cabeça com os seus achados nojentos; que me enforcem se o diabo em pessoa souber algo mais⁴⁰.”

O conto mistura ciência, mito e horror, encenando a perversão da razão científica e a dificuldade de nomear e compreender o inumano. A insanidade das elaborações científicas de Leeb questionam as fronteiras entre o real e o irreal. A linguagem técnico-investigativa mimetiza os protocolos da ciência moderna, mas funciona aqui como máscara. A ficção assume, então, a tarefa de revelar os limites desse discurso diante do inumano que escapa à racionalidade e à representação convencional. Por meio do conto, Levi diz o indizível, o inenarrável, sem neutralizar a narrativa traumática de sua literatura e sem negar a possibilidade de narrar e compreender os eventos dos campos de concentração⁴¹.

Em contrapartida, aos militares e cientistas, doutor Leeb representa a perversão da ciência, a corrupção das ideias positivistas da evolução e do progresso:

³⁸ LEVI, 2005, p. 56.

³⁹ PRIMO, 2005, p. 56.

⁴⁰ PRIMO, 2005, p. 57.

⁴¹ MARTINS, Isabelle Pinto. *Os diferentes testemunhos em Primo Levi*. 2021. Dissertação (Mestre em Letras Neolatinas, área de concentração Estudos Literários Neolatinos – Literaturas de Língua Italiana) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021, p. 38.

Consta de um longo manuscrito de Leeb, que foi arquivado: uma curiosa mistura de observações argutas, de generalizações temerárias, de teorias extravagantes e obscuras, de divagações literárias e mitológicas [...] Um outro contém um programa de experiências sobre a alimentação humana [...] Nele se propõe submeter um vilarejo inteiro, por várias gerações, a regimes alimentares alucinados [...] o manuscrito é precedido de uma epístola dedicatória, endereçada sabem a quem? A Alfred Rosenberg, o do Mito do século XX [...]”⁴².

Ao expor os estudos pseudocientíficos de Leeb, o conto expressa a falência da ciência diante da linguagem através do mito e da irracionalidade. Levi cria uma distopia narrativa enraizada na história real do nazismo e da pseudociência racial. Ele não relata o acontecimento diretamente, mas o reimagina, o reconfigura esteticamente, explorando suas implicações éticas e epistemológicas. Isso se conecta diretamente à sua proposta de repensar o testemunho para além da literalidade.

Leeb representa o cientista que, como os médicos nazistas, coloca a técnica a serviço dos desejos da política do extermínio e da ideologia racial. De maneira perspicaz, Levi coloca uma sobrevivente aos bombardeios, como observadora distante que vê as atrocidades cometidas e testemunha os resultados que a pesquisa do Dr. Leeb alcançou: “Quatro pássaros: pareciam águias, embora eu só tenha visto águias no cinema. [...] Pareciam... asas de um frango assado. [...] cabeças de múmias expostas nos museus.”⁴³ Ao final, nada resta. A testemunha narra o fatídico fim dos estranhos pássaros trucidados pouco antes dos bombardeios se intensificarem e do doutor Leeb desaparecer. Os nazistas somente deixaram vestígios irracionais que somente puderam ser traduzidos através de um terceiro que observava de longe os sinistros experimentos que ocorreram na casa 26⁴⁴.

A desenrolar da narrativa suscita o teor testemunhal da literatura de Primo Levi que transbordando aspectos autobiográficos em sua ficção. Sua narrativa propõe uma reconfiguração do trauma e da realidade através da alegoria, da metáfora, explorando a estrutura narrativa ficcional para abordar o horror que rompe a fronteira do imaginável e da racionalidade moderna⁴⁵. Para não trair esse teor testemunhal a literatura de Levi reconstrói a realidade por meio de fragmentos, indícios repugnantes, restos abandonados e esquecidos. O evento

⁴² PRIMO, 2005, p. 59-60.

⁴³ PRIMO, 2005, p. 61.

⁴⁴ PRIMO, 2005, p. 62.
AGAMBEN, 2008. p.47.

⁴⁵ MARTINS, 2021, p. 36. BASEVI, Anna. A janela indiscreta da testemunha Primo Levi e o fantástico pós-Auschwitz. *Boletim de Pesquisa NELIC*, Florianópolis, v. 15, n. 23, p. 227-239, 2015, p. 238.

inimaginável somente é descrito pelo que sobrou, de forma incompleta Levi enuncia sobre o esquecimento e a memória.

A imagem grotesca, quase mitológica, dos prisioneiros transformados em pássaros/anjos alude às atrocidades cometidas pelos nazistas. Seus experimentos, que buscam a aceleração da evolução para produzir criaturas “superiores”, possivelmente “anjos”, o que constitui uma alusão a uma teleologia perversa: a ideia de que a ciência pode conduzir à purificação da espécie, porém, seus experimentos levaram o modelo de sociedade moderna e seus princípios à ruína. Os *insights* de Levi oferecem meios para decifrar as urgências de um mundo contemporâneo a beira da catástrofe por meio de uma gramática da ciência. As convenções de gênero, de estilo, composição e tema, retratam entrecruzamentos acidentais que elaboram sobre os limites do conhecimento e da razão. Assim a literatura e a ciência em Levi, justapõe o mundo microbiológico invisível em jogos da linguagem, testes, variações que estabelecem semelhança como também diferenças.

Nesse sentido, a ideia de uma “gramática da ciência” torna-se produtiva para analisar os modos como Primo Levi, em sua literatura, mobiliza e tensiona os discursos científicos. Como observa o historiador Mauro Condé, a sociedade contemporânea busca compreender-se por meio de teorias, modelos e sistemas explicativos, mas os critérios clássicos da ciência moderna – centrados na racionalidade, na objetividade e na universalidade – já não são suficientes para dar conta da complexidade do mundo atual. Novas epistemologias, ao romperem com os fundamentos da ciência iluminista, operam por meio de critérios mais flexíveis e contextuais, aproximando-se do que poderíamos chamar de jogos de linguagem heterogêneos⁴⁶.

O projeto moderno de estabelecer uma linguagem clara e universal para explicar a realidade foi arruinado pela catástrofe que engoliu o mundo ocidental e ameaçou o evento catastrófico ao esquecimento. A história da “Borboleta Angélica” sugere a ocorrência de uma físsura nas formas de explicar o real, tornando-se impossível depender de formas universais de explicação, comunicação, a ciência moderna teria trazido a derrocada do mundo moderno⁴⁷. Porém, a parte “obscura” de sua ficção-científica não tangência o acontecimento integral, pelo contrário, é por meio da complexidade narrativa que o evento-limite não é submetido a reducionismos, banalizações que sepultariam ao esquecimento.

⁴⁶ CONDÉ, Mauro, Lúcio, Leitão. Wittgenstein e a gramática da ciência. *UNIMONTES CIENTÍFICA*. Montes Claros, v.6, n.1, jan./jun. 2004, p.4-7, 16-17. Disponível em: <http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/63>. Acessado em: 2 de novembro de 2020.

⁴⁷ CALDAS, Pedro Spinola Pereira. O evento limite em Primo Levi: uma leitura de Os afogados e os sobreviventes. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Brasil, v. 25, n. 32, 2020, p. 54.

Aqui lembramos do argumento de Jablonka, a escrita de Levi estabelece formas de compreender a nossa vida, ao estabelecer procedimentos para problematizar a falência da racionalidade científica moderna diante das catástrofes contemporâneas. Por meio de uma narrativa investigativa, Levi ultrapassa o realismo e beira o mitológico que mimetiza o discurso técnico-científico e revela a precariedade da ciência como linguagem neutra. O conto encena o colapso dos fundamentos epistemológicos do projeto moderno, ao apresentar a figura do professor Leeb, cientista que, sob o pretexto de avanço evolutivo, conduz experimentos de transmutação com seres humanos⁴⁸. A ciência é aqui desfigurada e pervertida, não apenas em seu conteúdo, mas também em sua forma de linguagem: os relatórios, as observações, os protocolos laboratoriais aparecem como máscaras de uma violência inominável.

A fantasia de Levi, ao mimetizar e desestabilizar a gramática científica, evidencia a crise de seus pressupostos racionais⁴⁹. A referência a conceitos biológicos, como a neotenia, a descrição detalhada dos ossos e resíduos orgânicos e as teorias absurdas de Leeb revelam como a linguagem da ciência pode ser apropriada para fins ideológicos, não como exceção histórica, mas como possibilidade imanente à própria estrutura de seu discurso. Ao encenar esses jogos de linguagem com ironia e inquietação, Levi nos oferece não apenas uma crítica ética, mas também uma reflexão epistemológica: a ciência, como qualquer outra forma simbólica, está sujeita à desestabilização de sua gramática quando confrontada com a catástrofe.

“Borboleta Angélica” explicita, assim, os impasses da linguagem científica em face da catástrofe. Ao subverter os jogos de linguagem da ciência, Levi inscreve a violência não como exceção, mas como possibilidade imanente à própria racionalidade moderna. Através da ficção, oferece uma crítica que ultrapassa o testemunho direto, propondo uma epistemologia literária da catástrofe.

⁴⁸ PRIMO, 2005, p. 61.

⁴⁹ Tzvetan Todorov não se arriscou em definições minuciosas a respeito da literatura fantástica, detalhadas, preferiu estabelecer pontos gerais sensíveis que podem ser encontradas em um universo de obras que possam ser sistematizáveis e compreensíveis. Por isso prefere o título “Introdução” à sua obra, pois, para ele, somente podemos estabelecer modelos que tocam em elementos fundamentais nessas obras. Entretanto, não nega que nesse mesmo sistema, podemos encontrar as regras que não são seguidas ou que também se entrecruzam em outros gêneros, até os subvertendo, como é o caso da literatura fantástica e da ficção científica. Ao analisar *A metamorfose*, de Kafka, observando que as regras e leis estabelecidas, são aplicáveis, contanto, são invertidas intercruzando gêneros diferentes e se confundido. Desse modo, percebeu que mesmo que o gênero possa permitir uma leitura, uma forma sistemática de análise, não se limita, na verdade, a ultrapassa, por isso, defendeu uma teoria de introdução. Cf. TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 17, 179-181.

Conclusão: os tristes “anjos” e a crise da racionalidade científica moderna

A crise da ciência moderna e os dilemas do olhar objetivo, o “temor do eu” na produção de ciência e os problemas lançados pela *linguistic turn* a respeito do conhecimento como um “fato da linguagem” são temas fundamentais atravessados pela ficção de Levi⁵⁰. A obra de Levi não deve ser dimensionada como resultante apenas da experiência em Auschwitz, mas considerando os contextos que entrecruzam os campos das humanidades e as ciências naturais, diante de seus conflitos, revelando problematizações dos limites do conhecimento moderno. Todavia, não se limitando à compreensão do estudo, mas do próprio fazer historiográfico, desse modo, esclarecemos alguns pontos fundamentais da pesquisa.

Essa pesquisa procurou levantar ferramentas para os historiadores pensarem a ficção de Primo Levi, quando lida sob a ótica da crise da racionalidade científica moderna, especialmente conforme discutida através da noção de gramática em Wittgenstein. A escrita de Levi oferece um deslocamento relevante na compreensão do século XX, não apenas como um século de catástrofes, mas também como um momento de inflexão profunda nas formas de conhecimento, autoridade e representação do real.

Ao incorporar em sua literatura elementos da linguagem científica, como protocolos experimentais, jargões técnicos, taxonomias, hipóteses evolutivas e submetê-los a procedimentos narrativos da ficção, Levi não apenas desmonta a suposta neutralidade e o afastamento epistemológico da ciência, mas revela como seu discurso foi, no contexto do Holocausto, sequestrado e transformado em instrumento de dominação, experimentação e extermínio. Contos como “Borboleta Angélica”, por exemplo, colocam em cena uma ciência pervertida, conduzida por personagens como o professor Leeb, cuja racionalidade disciplinada e sistemática convive com práticas monstruosas sob o verniz da investigação objetiva. Aqui, Levi tensiona a figura tradicional do cientista-iluminista e revela sua mutação histórica em agente da barbárie, ecoando, de forma literária, os impasses enfrentados por historiadores e filósofos das ciências após Auschwitz.

Essa crítica não se dá, no entanto, por meio de um panfleto, de uma denúncia direta ou mesmo de uma forma de testemunho memorialístico, mas por uma elaboração narrativa que mimetiza e desestabiliza os jogos de linguagem da própria ciência. O resultado é uma literatura que revela as fragilidades internas da racionalidade moderna e, ao mesmo tempo, propõe uma

⁵⁰ JABLONKA, 2016, p. 293.

nova forma de compreender o testemunho: não apenas como relato direto da experiência, mas também como construção crítica dos limites do dizível. Nesse sentido, a ficção de Levi amplia o campo do testemunho histórico ao incluir o inverossímil, o ambíguo e o fragmentado, aquilo que chamou de “parte escura de sua escrita” como parte legítima da experiência da catástrofe.

O que sua obra nos diz, portanto, é que o século XX não pode ser compreendido apenas pelas categorias tradicionais da historiografia política ou social, mas exige atenção à performatividade dos discursos científicos, à lógica das instituições de saber e à forma como a linguagem, em sua dimensão prática, pode servir à violência sob o pretexto da verdade. Levi propõe, por meio de sua literatura, uma crítica epistemológica e ética à modernidade: a ciência não é uma garantia de progresso, mas um campo de disputa simbólica e material, cujos jogos de linguagem devem ser desnaturalizados, sobretudo quando postos a serviço do poder.

Nesse ponto, sua ficção contribui para a história ao demonstrar que compreender o Holocausto e suas reverberações exige não apenas acumular dados ou documentos, mas interrogar os próprios regimes de racionalidade que o tornaram possível. A figura do intelectual ou cientista, sob essa lente, deixa de ser o guardião da razão para se tornar um sujeito histórico implicado, consciente ou não, nos dispositivos que sustentaram o genocídio. A literatura de Levi, ao deslocar os fundamentos da ciência para o terreno do impossível, do absurdo e do irrepresentável, nos força a repensar criticamente as fronteiras entre conhecimento, poder e humanidade na história do século XX.

Referências

Fontes

- BELPOLITI, M. Animal e fantasmi. In: LEVI, P. *L'ultimo Natale di guerra*. Torino: Einaudi, 2001. p. 17-18.
- CALVINO, I. I due mestiere di Primo Levi. In: *L'ultrui mestiere*. Torino: Einaudi, 2011. p. VIII.
- LEVI, P. Borboleta Angélica. In: – *71 contos de Primo Levi*. Tradução de Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005. p. 55-62.
- LEVI, P. *La ricerca delle radici*. Torino: Einaudi Tascabili, 1997.
- LEVI, P. *Se questo è un uomo*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 2011.
- LEVI, P. Sono un chimico, scrittore per caso. Entrevista concedida a Pier Maria Paoletti. In: BELPOLITI, M. *Primo Levi: conversazioni e interviste 1963-1987*. Torino: Einaudi, 1997.
- LEVI, P. Storie naturali. In: LEVI, P. *Tutti i racconti*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 2015.

Obras gerais

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BASEVI, Anna. A janela indiscreta da testemunha Primo Levi e o fantástico pós-Auschwitz. *Boletim de Pesquisa NELIC*, Florianópolis, v. 15, n. 23, p. 227-239, 2015.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. A micro-história de Primo Levi: um estudo sobre A Tabela Periódica. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, [s. l.: s.n.], v. 18, n. 1, p. 37-60, jan./jun. 2021.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. O evento limite em Primo Levi: uma leitura de Os afogados e os sobreviventes. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Brasil, v. 25, n. 32, 2020, p. 54.

CENTRO INTERNAZIONALE DI STUDI PRIMO LEVI. *Vizio di forma*. Disponível em: <https://www.primolevi.it/en/vizio-forma>. Acesso em: 27 jul. 2025.

CONDÉ, Mauro; LEITÃO, Lúcio. *As teias da razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna*. Belo Horizonte: Argymentvm Editora, 2004a.

CONDÉ, Mauro; LEITÃO, Lúcio. Wittgenstein e a gramática da ciência. *Unimontes Científica*, Montes Claros, v. 6, n. 1, jan./jun. 2004b, p. 4-7, 16-17. Disponível em: <http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/63>. Acesso em: 2 nov. 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Remontagens do tempo sofrido: O olho da História II*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

FELMAN, Shoshana. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 13-53.

FRANÇOIS, Hartog. *Evidência da história: o que os historiadores vêem*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira com colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apresentação. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 9-19.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

JABLONKA, Ivan. *La historia es una literatura contemporánea: manifiesto por las ciencias sociales*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016.

LACAPRA, Dominick. *Historia y memoria después de Auschwitz*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

MARTINS, Isabelle Pinto. *Os diferentes testemunhos em Primo Levi*. 2021. Dissertação (Mestre em Letras Neolatinas, área de concentração Estudos Literários Neolatinos – Literaturas de Língua Italiana) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Revista Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2017.